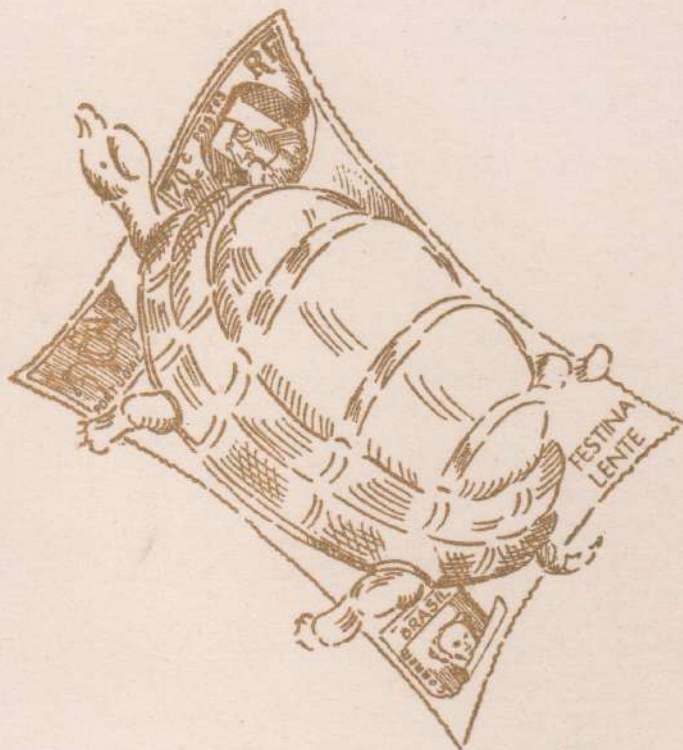


# Clube Filatélico e Numismático de Araraquara

FUNDADO EM 17-11-51

ARARAQUARA - Est. S. Paulo



## O JABOTÍ

SÍMBOLO DO FILATELISTA

1957

# FILATELIA



## NASCE NO CLUBE FILATÉLICO E NUMISMÁTICO DE ARARAQUARA A IDÉIA PARA CRIAÇÃO DO SÍMBOLO DO FILATELISTA.

No dia das Mães de 1956 o Prof. Suetônio Bittencourt Junior, ex-Delegado Regional de Ensino de Araraquara e grande filatelista, ao homenagear a Mãe Filatelista na pessoa de d. Izoel P. Zarich, lançou a idéia da criação de um símbolo do filatelista, que seria representado pelo JABOTÍ. Agora, dando corpo a essa idéia, o prof. Suetônio preparou o artigo que temos o prazer de divulgar a seguir para que todas as entidades filatélicas e os filatelistas do Brasil possam apreciar e apoiar a iniciativa do ilustre filatelista e educador.

### O JABOTÍ: SÍMBOLO DO FILATELISTA

O fato de grupos sociais lançarem mão de um símbolo qualquer para sua representação, é hábito muito antigo no mundo. O seu aparecimento vem de muito tempo, quando os grupos humanos se reuniam para a defesa, para a aventura e para as conquistas. Todos eles tinham o seu símbolo, o seu estandarte, com uma representação



qualquer, que os distinguia e os irmanava também. A história registra esse costume desde os assírios, os babilônios, os egípcios, os gregos e romanos; não só grupos oficiais, mais representativos, como as agremiações isoladas e, principalmente, aquelas que estavam em oposição e sofriam a opressão dos mais fortes.

Uma bandeira, um estandarte, um símbolo, qualquer deles sempre fazia parte das agremiações, a despeito de qualquer gráu de cultura, ou melhor, sempre relacionado com esse mesmo gráu. Entre esses símbolos, desde logo, começaram a aparecer os animais, companheiros inseparáveis do homem, desde a caverna até os nossos dias. Por uma razão qualquer, sempre justificada, os animais, pelos seus instintos mais notáveis e os seus hábitos mais acentuados passaram a representar os diferentes grupos que encontravam neles alguma semelhança com as suas próprias atitudes. As aguias, os condores, os falcões, pela sua força, coragem e resistência, serviam de símbolos aos guerreiros, aos conquistadores, aos piratas. Os dragões, os leões, os leopardos, os tigres eram muito do agrado dos grupos dominadores.

As associações secretas, as ordens religiosas, todas tinham e têm até hoje os seus símbolos. O peixe simbolizou os cristãos nos seus primórdios, como a cruz já era o símbolo dos partidários de Aton, no Egípto. O cão simbolizou os pastores, como o lobo, os seus inimigos; as serpentes, os alquimistas de outrora e hoje, os farmacêuticos e facultativos; e, como esses, muitos outros exemplos existem. Os rádios-amadores de

nossos dias são denominados CORUJAS — os homens, e as mulheres — AVE DO PARAISO.

Aquí no Brasil, já tivemos um grupo de revolucionários, que tentou um movimento nativista na Bahia, em 1798, a chamada Revolução dos Alfaiates, cujos conspiradores usavam como símbolo um búcio, daí a sua denominação também de Revolução dos Búcios. Tivemos também vários partidos políticos com símbolos emprestados da nossa fauna. O tradicional Partido Republicano Paulista, em certa época, teve o TATÚ como seu distintivo. O GALO BRANCO, há pouco tempo, foi uma bandeira que pretendeu indicar presidente para o Brasil e, por aí a fora, os exemplos se repetem com frequência. Nada mais natural, portanto, que o filatelista também tenha o seu símbolo, entre os animais de nossa riquíssima fauna. Lembramos, então, do animal que mais se assemelha ao colecionador, pelas várias características que possui e atitudes que usa, o qual poderia constituir o seu símbolo. E, ele, a nosso ver, a TARTARUGA — o nosso JABOTÍ — o mais indicado, como passaremos a expor. É um animal com características bastante interessantes, possui a calma e a pachorra em excesso, mas é persistente e tenaz, de uma resistência extraordinária e uma força que não se compara com o seu tamanho silencioso e inteligente, nunca esmorece.

Não se apressa, mas não para.

O folclore universal empresta à tartaruga qualidades excepcionais. É tido como o mais inteligente dos bichos, muito sagaz acaba sempre vencendo os seus adversários.



Ganhou da lebre uma corrida que ficou célebre no tempo e na lenda, corrida que passou a exemplificar o clássico provérbio que diz: "De vagar se vai ao longe". Aqui no Brasil, no nosso folclore, o seu correspondente, — O JABOTÍ — também já era conhecido pelos selvícolas como o bicho mais sabido do mato. Foi o único que não se deixou lograr pela onça, quando se fingiu de doente e convidou a bicharada para visita-la em sua toca. De outra feita, quando a encontrou caída num fôssco, não acreditou nas suas lábias e lá a deixou, onde estava, impossibilitada de sair, pagando os seus pecados.

Esse animal tem, assim atitude que muito se assemelham aqúelas dos colecionadores, que usam a inteligência, a paciência para atingir aos seus desejos e acabam cantando vitória, a custa da persistência, da continuidade, do método de investigação e trabalho. Por todos esses motivos, lançamos a nossa idéia aos Clubes Filatélicos em geral, no sentido de ser a TARTARUGA — universalmente, o JABOTÍ — aqui no Brasil, considerado como o SÍMBOLO DO FILATELISTA.

Essa idéia, que eu digo nossa, tem a sua verdadeira origem baseada num fato real que se verificou no Clube Filatélico e Numismático de Araraquara.

Foi no dia 12 de maio de 1956 - DIA DAS MÃES, que isso sucedeu.

O Clube, reunido na sua sede, naquele dia, que coincidia com a comemoração do Dia das Mães, não podia deixar de se manifestar sobre a efeméride, principalmente pelo fato de possuir vários sócios pertencentes ao sexo feminino, en-

tre os quais algumas senhoras de bastante projeção nos meios filatélicos e sociais. O Presidente do Clube, Dr. Salvador Bonilha, levou um mimo para ser entregue a D. Izoel P. Zarich, distinta e adiantada consórcia, que ali estava representando a Mãe Filatelista. A mim coube a honrosa tarefa de fazer a oferta do mimo, em nome do Clube.

No momento azado, quando a reunião domin-gueira do Clube ia a meio o snr. Presidente colocou o mimo sobre a mesa e me pediu que fizesse a oferta em nome de todos.

Foi, então, que eu vi, ali colocado, nada mais nada menos que uma pequena tartaruga de bronze, formada de duas peças independentes. A parte inferior que, descoberta, constituía um cinzeiro; e a parte superior que, colocada ao lado, com a cavidade para cima, formava também uma concha.

Tudo aquilo, feito com primoroso gosto e perfeito acabamento, causou nos agradável surpresa e ótima impressão.

Ao fazer a oferta, salientei a minha opinião a respeito do mimo escolhido. Aquilo que ali se via, como concretização das nossas homenagens à Mãe Filatelista, era mais que isso; representava a prova de nossa união, do nosso carinho e respeito pela Mãe de cada um, era um objeto que exprimia a solidariedade e a amizade de todos.

Aquele mimo, porém, que para alguém pudesse ser um cinzeiro, ou um simples peso para papeis, para os filatelistas era também um aparelho filatélico, um Filigranoscópio, pois se pres-



tava, perfeitamente para êsse fim, dado o seu formato e a cor preta de suas cavidades. E, em lugar de um só, eram até dois recipientes, cada qual de um tamanho, para o exame de selos de diferentes dimensões.

O mimo representava assim, não só o aparelho referido, mas a nossa homenagem e sobretudo a nossa união, a prosperidade daquele Clube que teve a feliz oportunidade, talvez o único que reuniu naquele dia festivo, com tão elevado propósito e se manifestava daquela forma efetiva e carinhosa.

Era aquele um símbolo que ficaria sob a guarda de D. Izoel P. Zarich, recordando o momento de emoção e felicidade que vivíamos. Foi, então, que um outro consócio, o nosso prezado companheiro, Snr. Weber Dini, aventou a idéa de se transformar a pequena tartaruga, em símbolo do Clube Filatélico e Numismático de Araraquara, ou mesmo, de todos os Clubes Filatélicos em geral.

A idéia foi aceita de pronto, agarrada mesmo com todas as nossas forças e eu fiquei encarregado de dar-lhe forma e fazer o seu lançamento.

Aí está a sua historia e aqui, o cumprimento da minha promessa, embora um pouco tardia.

Vamos, pois, divulgar a idéia.